

Percepção dos adolescentes acerca da influência dos pais e pares nos seus comportamentos sexuais

SÓNIA DIAS (*)

MARGARIDA GASPAR DE MATOS (**)

ALDINA GONÇALVES (*)

INTRODUÇÃO

Apesar de existir um conjunto diverso de factores que estão associados aos comportamentos sexuais, tem crescido o interesse em compreender o impacto que a influência familiar e dos pares assume na adopção e manutenção de comportamentos sexuais nos adolescentes (DiClemente, Wingood, Crosby et al., 2001; Kingon & Sullivan, 2001).

As características familiares, como a composição familiar, o nível de educação e o estatuto socio-económico, a qualidade da relação familiar, os estilos parentais, a supervisão parental, a comunicação entre pais e filhos e os modelos parentais no que respeita a atitudes e valores parentais face aos comportamentos sexuais foram identificados como influenciando as atitudes e comportamentos

sexuais protectores ou de risco para a saúde dos jovens (Mcneely, Shew, Beuhring, Sieving, Miller, & Blum, 2002; Huebner & Howell, 2003; Hutchinson, Jemmott, Jemmott, Braverman, & Fong, 2003).

A partir da adolescência é esperado que os indivíduos se confrontem com um processo de aquisição de uma autonomia e independência emocional dos pais e simultaneamente, estabeleçam relações interpessoais e de intimidade mais amadurecidas com os pares (Caissy, 1994; Zimmer-Gembeck, 2002). O movimento da emancipação da tutela familiar opera-se paralelamente a um investimento intenso nas actividades sociais com os amigos da mesma idade e o grupo de pares assume uma importância significativa no desenvolvimento psicossocial do adolescente e é fundamental para o seu bem-estar (Hartup, 1993; Newton, 1995). A intensificação das relações com o grupo de amigos na adolescência, aumenta a potencial influência dos pares em termos da qualidade das soluções dadas aos problemas sociais, dos valores e das regras sócio-morais, agora em fase de maior reestruturação. O grupo tanto pode influenciar o comportamento responsável, a maturidade e o desenvolvimento saudável, como pode ser implicado na adesão a

(*) Instituto de Higiene e Medicina Tropical, Universidade Nova de Lisboa, Área de Saúde Internacional / Centro de Malária e Outras Doenças Tropicais. E-mail: smfdias@yahoo.com

(**) Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica & CMDT/IHMT.

uma variedade de comportamentos de risco, nomeadamente de comportamentos sexuais de risco (Dryfoos, 1997).

O presente estudo teve como objectivo compreender as percepções dos jovens acerca da influência parental e dos pares nos seus comportamentos sexuais. Os resultados deste estudo pretendem dar um contributo no sentido de compreender de que modo estes factores e a sua interacção intervêm na adopção de determinados comportamentos sexuais saudáveis ou de risco. Os resultados poderão também contribuir para o desenvolvimento de programas eficazes de Promoção de Saúde Sexual nos adolescentes.

MÉTODO

Participantes

Neste estudo foi utilizada uma amostra de conveniência constituída por 72 adolescentes de escolas públicas do ensino regular, distribuídos de forma semelhante por ambos os sexos. Foram seleccionados adolescentes que se encontravam no 10.º ano de escolaridade para aumentar a probabilidade de encontrar adolescentes envolvidos em relacionamentos entre pares do tipo afectivo ou sexual. Os grupos focais foram realizados em oito escolas situadas em diferentes áreas geográficas do país. A constituição dos grupos teve subjacente a preocupação de assegurar a homogeneidade dos participantes em cada grupo focal relativamente a aspectos, como o género, a turma e as características socio-demográficas. Em cada escola realizaram-se dois grupos focais, um de rapazes e outro de raparigas, o que totalizou doze grupos focais. Cada grupo focal era constituído por seis adolescentes.

Procedimento

Tendo em conta os objectivos da investigação e o seu carácter exploratório, optou-se pela metodologia qualitativa grupo focal para recolher a informação pertinente ao estudo. O grupo focal designado, por vezes, como “discussão de grupo” envolve um pequeno grupo de pessoas com determinadas características, em que os participantes se centram e discutem sobre um determinado tema que lhes é apresentado pelo moderador da discussão (Krueger, 1994; Morgan, 2001; Krueger

& Casey, 2000). Esta metodologia permite explorar as diferentes perspectivas dos participantes quanto a experiências pessoais, a crenças, a atitudes e a pensamentos subjacentes a um determinado comportamento (Stanton, Black, Kaljee, & Ricardo, 1993; Deslandes, 1997; Murray & Chamberlain, 1998; Sormati et al., 2001; Woollett et al., 1998).

Os grupos focais, com uma duração de aproximadamente 90 minutos, foram realizados nas escolas. Nos grupos focais foi utilizado um guião semi-estruturado que se centrou em aspectos relacionados com a influência da família e dos pares nos comportamentos sexuais. No primeiro contacto com os jovens foi realizada uma apresentação do moderador e dos objectivos gerais do estudo, obtido o consentimento voluntário dos participantes e garantido o anonimato, a confidencialidade dos dados e a livre participação dos alunos. A realização dos grupos focais foi precedida de uma introdução onde foram discutidos alguns aspectos importantes à sua organização e realizada uma actividade de “quebra-gelo”.

Análise de dados

Todos os grupos focais foram gravados, com o consentimento prévio dos participantes, de modo a se proceder à sua integral transcrição e posterior análise de conteúdo. As questões teóricas previamente definidas foram analisadas em conjunto com os tópicos gerais explícitos nas conversas de forma a definir as categorias de análise, que foram adequadas à medida que prosseguia a análise dos dados. Em cada categoria apresentam-se extractos dos discursos de forma a ilustrar os significados atribuídos pelos jovens.

RESULTADOS

Factores familiares

Os aspectos mais referidos como factores familiares que podem funcionar como factores de risco ou de protecção para os comportamentos sexuais foram o ambiente familiar e as relações familiares, a comunicação sobre sexualidade entre pais e filhos, o estilo parental e a supervisão/monitorização parental.

Ambiente familiar e relações familiares

O mau ambiente familiar, as fracas ligações familiares e os conflitos são apontados em quatro grupos de jovens como podendo constituir factores de risco.

“O ambiente familiar também pode prejudicar, por exemplo pais alcoólicos ou drogados, se houver violência em casa e depois estiverem sempre a discutir, isso pode prejudicar a relação entre pai e filho... o filho depois não se sente bem em casa e vai andar sempre na rua. Também se a filha se sentir ignorada também pode ajudar a que vá ter sexo mais cedo...”

Por outro lado, a existência de boas relações familiares foi apontada, por todos os grupos, como um dos factores que mais pode proteger os jovens.

“Acho que tem de existir um clima de amizade e confiança entre pais e filhos para estarem à vontade para pedir conselhos e para os pais poderem apoiar nas várias situações, pois a sua ajuda é importante.”

Comunicação sobre sexualidade entre pais e filhos

A maioria dos jovens (apenas dois grupos não abordaram este factor) considera que a falta ou a deficiente comunicação entre pais e filhos e a não transmissão de informações podem ser factores de risco. Alguns jovens referem que quando os pais não conversam com os filhos estes ficam mais expostos às influências dos amigos e este aspecto pode constituir um factor de risco.

“Há pais que não permitem que se fale disso, tudo é tabu e dizem: não podes falar sobre isso, não podes pensar nessas coisas... Como nunca falam com os pais, as miúdas ficam mais influenciáveis pelas amigas e pelos namorados. E depois a menina aparece grávida e nem sabem como é que aconteceu.”

A maioria dos jovens de todos os grupos (cerca de dois terços) refere que não conversa com os progenitores sobre questões relacionadas com sexualidade.

“Eu não falo nada com os meus pais. São muito fechados, retardados. O meu pai só às vezes começa a perguntar se eu tenho namorado mas é só para gozar e dizer que os rapazes são uns malandros e assim...”

A maioria dos jovens que não conversa com

os pais aponta como principal factor o facto de os pais não se sentirem à vontade para dialogar com os filhos.

“Eles têm uma mentalidade muito fechada, principalmente o meu pai. E eu sou menina então ele tem muito receio de falar dessas coisas... se eu falasse ele ficava todo corado...”

“Os pais têm preconceitos e vergonha de falar com os filhos sobre as coisas e depois é difícil conversar. Eles ficam atrapalhados e a pensar agora o que é que eu vou dizer...”

Na opinião dos participantes, muitas vezes, os pais não detêm muitos conhecimentos ou as informações mais correctas.

“Os pais às vezes não sabem explicar bem as coisas, não têm as informações correctas.”

“Há pais que não têm cultura nem conhecimentos. O nível sócio-cultural é importante.”

No entanto, alguns jovens referem serem eles a evitar o diálogo ou porque se sentem desconfortáveis ou porque não têm à vontade para conversar com os pais.

“Eles têm que tentar falar com os filhos desde cedo, pois se tiveres habituada a falar desde cedo é mais fácil. Não é chegar aos 16 anos e aí é que eles querem falar connosco... Comigo eles até podiam falar que eu ficava super envergonha que não queria era ficar ao pé deles... nós ficamos pouco à vontade e fugimos ao assunto.”

Em contrapartida, todos os grupos de jovens consideram que uma comunicação positiva entre pais e filhos sobre a temática da sexualidade que proporcione suporte emocional e um sentimento de apoio é um factor protector.

“Eu acho que vem da personalidade de cada um, mas...”

“Os pais deviam dar conselhos, têm de falar com os filhos sobre os assuntos, dar conselhos e apoio, devem começar a falar disso antes de chegar à altura para os filhos saberem e não terem só que ouvir os outros.”

Quando a comunicação é positiva os pais ajudam na resolução de problemas e são uma fonte de suporte e apoio. Salientam que o diálogo com os pais é muito importante pois os seus conselhos são mais “maduros e experientes”.

“Se tivermos um grande à-vontade com eles para falarmos podem ajudar e bastante, há conselhos que é melhor a família pois são mais experientes... maduros e vão proteger de situações futuras.”

“Os pais já passaram pela nossa idade, sabem

o que passaram e o que a gente está a passar e podiam dar exemplos e explicar, portanto era bom falarem, mas eles esquecem-se.”

Existe uma minoria (cerca de um terço) que afirma conseguir conversar com os progenitores de forma satisfatória e sobre tudo o que necessita.

“Eu posso chegar a casa e contar que o que aconteceu... eu posso contar tudo... ela não precisa de puxar o tema, que eu falo com ela e ela também fala comigo.”

“Falo e tenho confiança com os dois, falo sobre sexo, doenças, precauções que devemos tomar, falo como se fossem amigos e de tudo acerca de mim.”

Estilo parental

A maioria dos jovens (factor não referido em apenas dois grupos) considera que o estilo parental autoritário, a proibição em relação a determinados comportamentos ou a imposição de regras muito rígidas pode ter um efeito adverso, e incentivar esses comportamentos, ou seja, pode pelo contrário, promover comportamentos de risco. Os jovens salientam assim, o efeito adverso de lhes ser dada pouca autonomia ou confiança.

“A palavra proibir, não faças porque não, ainda cria mais vontade e curiosidade de ir mesmo fazer. Às vezes os filhos ficam contrariados e começam a fazer só para contrariar os pais e para se sentirem mais independentes. Aí os filhos acabam por fazer tudo à maluca...”

“Quando os pais proíbem exageradamente ainda se vai fazer pior. Quando se apanha sem os pais faz tudo sem pensar e de qualquer maneira, esquece a responsabilidade e fazemos sem o preservativo porque é numa altura que dizemos: aproveita, agarra a oportunidade de fazer.”

Na opinião dos jovens, um estilo parental democrático, em que os pais não proíbem, mas estão vigilantes e alertam para os perigos promove a responsabilização, proporciona um sentimento de confiança, uma maior vontade de respeitar os pais e de evitar comportamentos de risco.

“Se os pais deixarem ficar os filhos mais soltos, os filhos tornam-se mais responsáveis, mais independentes. Se tiverem uma liberdade moderada é melhor, se tiverem muito presos e quando se soltam os pais vão ter muito mais dificuldade em controlá-los.”

“Os pais devem estar disponíveis para ouvir,

aconselhar e ajudar mas sem proibir. Dar mais liberdade, deixar fazer mas alertar: se quiseres faz, mas olha que... avisar dos perigos.”

Supervisão/monitorização parental

A fraca supervisão/monitorização dos pais em relação aos seus filhos é apontada pelos jovens como sendo um factor de risco.

“Há pais que também não se importam muito com os filhos e com o que eles fazem e se os filhos faltam à escola eles não querem saber e isso não é bom...”

“Se os filhos fizerem alguma coisa de mal e os pais não os avisarem e não ligarem ele vai continuar a fazer o que lhe apetece e a fazer coisas erradas. Muita liberdade também é mau.”

A supervisão parental em relação à vida dos filhos é apontada em seis grupos de participantes como um factor de protecção.

“Devem corrigir e dizer o que está bem e o que está mal... é para o nosso bem, devem dar liberdade mas não em excesso.”

Factores relacionados com os pares

Em relação aos factores relacionados com os pares as categorias mais discutidas foram a pressão/influência dos amigos para as relações sexuais, a comunicação com o grupo de pares, a compreensão e o suporte emocional e as normas dos pares face ao início da vida sexual e à utilização do preservativo.

Pressão/influência dos pares

Em quase todos os grupos, a pressão exercida pelos pares para a existência de relações sexuais foi um dos factores de risco mais referido, tendo este tema preenchido muito do tempo das discussões. A grande maioria dos jovens afirma que muitos jovens se sentem pressionados para ter relações sexuais, concordando todos que este tipo de pressão acontece com uma frequência mais elevada nos rapazes.

“E se for no grupo de amigos que eles sempre pertenceram, começam a sentir que não podem ser diferentes, sente-se excluído, o grupo começa a afastar-se de nós... e vê-se obrigado a praticar. Às vezes ficam com traumas porque até nem estava

preparado para fazer e depois corre mal e a segunda vez se calhar já lhe custa mais.”

“O grupo começa a dizer eh ainda és virgem, não percebes nada disto, nós é que percebemos, nós é que somos os melhores. Depois fazem para se afirmar para não serem excepções e não interessa como é que acontece, não se tomam precauções, querem é fazer.”

O relacionamento com amigos que os jovens denominam “falsos amigos” ou “más companhias” e que “influenciam para coisas negativas” é referido como factor de risco para a iniciação sexual e para as relações sexuais desprotegidas.

“Temos que ter perspicácia e saber escolher a quem podemos pedir opiniões e saber se são bons ou maus conselhos. Por exemplo, a influência dos falsos amigos que nos dizem que sexo sem preservativo é melhor e se calhar vamos experimentar e engravidamos a rapariga.”

“É sempre perigoso metermo-nos com más companhias. Quando pressionam para fazermos coisas que não devemos talvez comecemos a não ter um comportamento adequado. Há pessoas que são fracas e ao serem influenciadas pelos amigos estão a ser a prejudicadas.”

Comunicação com o grupo de pares

Todos os grupos foram unânimes em considerar que a comunicação com os amigos tem maioritariamente uma função de protecção. A maioria dos jovens considera os pares como uma fonte confortável e bastante acessível de informação e de suporte, permitindo-lhes sentirem-se mais à vontade para trocar ideias, ouvir conselhos e opiniões e esclarecer dúvidas.

“Eu a conversar com as minhas amigas, já tirei muitas informações e fiquei a saber coisas que nem sequer sabia. Os amigos são a forma mais fácil de obtermos informação sobre isso...”

“Nem todos têm a abertura para falar com os pais. Com os amigos falamos abertamente, dão-nos conselhos, trocamos ideias. Contamos as nossas coisas, não temos tabus. Vai-se sabendo novas coisas, diferentes experiências, cada um tem a sua e podemos aprender com os outros a ver como é que podemos tomar as decisões.”

No entanto, jovens de quatro grupos expressaram preocupações no que se refere à veracidade da informação, referindo que por vezes, os amigos não possuem informações correctas, não detêm

muitos conhecimentos e os seus conselhos nem sempre são positivos.

“Temos que nos informar mas não só entre os amigos, que de certeza que os amigos não sabem tudo. Às vezes, os amigos não dão os conselhos correctos.”

“Os pais aconselham-nos sempre para o positivo, enquanto que às vezes os amigos podem aconselhar bem e mal, porque até podem não ter assim tantas informações.”

“Podem prejudicar se disserem coisas que não são verdade.”

Compreensão e suporte emocional

A quase totalidade dos jovens sente que os amigos os apoiam, os ajudam e os compreendem muito bem.

“Os amigos conseguem pôr-se mais no nosso lugar e conseguem ver as coisas com melhor precisão, sabem melhor o que se está a passar... Os pais, já passaram... já foi a vez deles.”

“Eles escutam-nos melhor, eles ajudam-nos. Têm a nossa idade, compreendem melhor. Falando com as amigas podem ouvir mais conselhos e se a amiga for experiente ela vai dizer-te para não cederes a pressões e assim pode ajudar-nos e não ficamos tão sozinhas...”

Normas dos pares face ao início da vida sexual e à utilização do preservativo

Quando questionados sobre se acham que os jovens já iniciaram a vida sexual, as respostas variam um pouco de grupo para grupo, sendo a resposta mais frequente a de que muitos jovens já o fizeram. Na opinião dos jovens, o facto dos amigos terem relações sexuais incentiva a que eles próprios também sintam curiosidade e vontade de experimentar.

“Principalmente os rapazes, porque a maior parte dos amigos já não é virgem e ele é quase a excepção, principalmente da nossa idade em que já quase toda a gente experimentou.”

“Se eles já fizeram está só um que ainda não pode falar... às vezes eles começam a dizer que já fizeram isto e aquilo e nós também queremos saber como é e vamos experimentar.”

Verifica-se que existem mais jovens que acreditam que os pares não utilizam o preservativo do que aqueles que acreditam que os jovens usam. Muitos referem que em inúmeras situações os ado-

lescentes não usam e seis grupos argumentam que há jovens que não estão preocupados com o uso do preservativo.

“Há quem use, mas eu acho que não se usa naqueles casos em que em já se está quase para ir e vê-se que falta o preservativo, aí nem pensam, acontece.”

“Há uns que até têm informação, sabem das coisas mas não ligam, não pensam nas consequências e se calhar pensam que não serve para nada e não se esforçam para usar.”

“Há muitas pessoas que ignoram, que deixam passar, que pensam: ah a mim não me vai acontecer isso, não vai ser a mim e fica descontraído. E outros nem pensam em nada, não querem saber e não usam nada.”

Por outro lado, verifica-se que cerca de um quarto dos jovens considera que a maioria dos pares ainda não teve relações sexuais. Os jovens salientam que este facto diminui a pressão para ter relações sexuais pois sentem que se esquadram nas normas do seu grupo de pares.

“Por exemplo, no meu grupo de amigos e na maior parte dos que eu conheço ainda não fizeram e eu acho que quem já teve é que é o único. Então não há assim tanta pressão...”

“No geral não há assim muitos jovens que já tiveram, há casos mas não são a maioria. São mais os que não fizeram do que os que fizeram.”

Três grupos consideram que a maior parte dos jovens já utiliza o preservativo.

“Amigos meus acho que usam, pelos menos têm essa mentalidade e dizem isso. Eu acho que sim até porque não custa nada levar um preservativo na carteira.”

“Acho que usam, 90% das vezes sim. Eu conheço um caso que mesmo sobre pressão como não tinha preservativo não fez... teve uma vontade de ferro.”

Influência da família e dos pares nos comportamentos sexuais

Os discursos dos jovens revelam diferentes opiniões quanto à influência da família e dos pares nos comportamentos sexuais. Alguns jovens referem que quer a família quer os pares são importantes pois cada um exerce uma função diferente.

“Para mim são os dois. Os pais são a nossa parte teórica e os amigos são a parte prática.”

“Cada um tem a sua função. Os amigos são mais para falar das nossas experiências. Os pais é mais

sobre as doenças, sobre quais as precauções que devemos tomar e essas coisas.”

Outro grupo de jovens refere que os pares têm uma maior influência em relação aos comportamentos sexuais e uma função mais importante.

“Para as decisões dos nossos comportamentos sexuais os amigos acabam por ter mais influência. No meu caso, os meus pais não têm muita influência. Às vezes dizem: ah não faças isso ou aquilo para nos tentar proteger, mas isso não nos vai influenciar minimamente.”

“Passamos muito mais tempo com os amigos do que com a família e então a opinião deles e aquilo que falamos com eles é mais importante. Na nossa idade ligamos mais aos amigos.”

“Os amigos têm um peso mais forte que os pais para tomar decisões, mas depende da relação.”

Na opinião de outros jovens, quando os pais têm uma relação próxima com os filhos e conseguem estabelecer uma comunicação positiva são mais importantes que os amigos.

“Se calhar vocês acham os amigos são mais importantes que a família porque não falam com os vossos pais. Eu tenho à-vontade para falar com eles e com os amigos mas gosto mais de falar com os meus pais.”

“A opinião dos pais é sempre um bocado mais madura mas depende também da forma como eles fazem... se eles nos dizem: não faças isto e aquilo ou proibem, isso é péssimo.”

DISCUSSÃO

Os jovens do nosso estudo sugerem que a influência parental nos comportamentos sexuais dos filhos depende em larga medida da qualidade da relação que os pais estabelecem com os seus filhos. Os jovens consideram que o envolvimento da família e o seu suporte influencia positivamente as atitudes e comportamentos sexuais tal como esperado e descrito por outros autores (Meschke, Bartholomae & Zenthall, 2002; Huebner & Howell, 2003; Dittus & Jaccard, 2000). Uma vasta literatura tem demonstrado que o mau ambiente familiar e relações conflituosas entre pais e filhos parecem ter consequências ao nível do mau estar no adolescente, como a depressão e baixa auto-estima e com mais a maior probabilidade dos adolescentes se envolverem em comportamentos sexuais de risco (Boyer,

Tschann, & Shafer, 1999; Crosnoe, Erickson, & Dornbusch, 2002).

Os resultados do estudo parecem demonstrar que a percepção por parte dos adolescentes de uma menor supervisão parental está associada com a participação em mais comportamentos de risco, nomeadamente comportamentos sexuais de risco, incluindo um início precoce da actividade sexual e as relações sexuais desprotegidas (DiClemente, Wingood, Crosby et al., 2001; Rodgers, 1999; Jacobson & Crockett, 2000; French & Dishion, 2003). Na opinião dos jovens o controlo e a supervisão parental (em relação às suas actividades, com quem costumam estar e o desempenho escolar) tende a promover comportamentos sexuais mais saudáveis, nomeadamente menos probabilidade de ter relações sexuais (Jones, Forehand, Brody, & Armistead, 2003; Huebner & Howell, 2003; Mcneely, Shew, Beuhring, Sieving, Miller, & Blum, 2002; Kingon & Sullivan, 2001).

Outro aspecto presente no estudo é a questão do estilo parental a que os jovens são sujeitos. Para estes jovens um estilo autoritário ou permissivo constitui um factor de risco para o surgimento de comportamentos sexuais de risco, enquanto que um estilo democrático num contexto de uma supervisão parental parece reduzir a probabilidade dos adolescentes se envolverem em comportamentos sexuais de risco (Steinberg, 2001). Muitos estudos têm mostrado que o estilo parental deve promover autonomia e a auto-descoberta pois estes aspectos estão associados com a competência social e psicológica e diminuem a probabilidade do envolvimento em comportamentos sexuais de risco como foi avançado pelos jovens do nosso estudo (Rodgers, 1999; Huebner & Howell, 2003). As intervenções com as famílias devem fornecer informações aos pais de como devem manter um equilíbrio entre o desafio desenvolvimental dos adolescentes que é o estabelecimento da sua autonomia e a sua função de os proteger (DiClemente, Wingood, Crosby et al., 2001).

Os jovens referem que a qualidade da relação estabelecida entre pais e filhos é também importante como uma parte necessária para uma comunicação efectiva (Meschke, Bartholomae & Zenthall, 2002). Uma comunicação positiva entre pais e filhos sobre sexualidade que proporcione suporte emocional e um sentimento de apoio foi também considerada por todos os grupos como um factor protector, o que vai de encontro com literatura em

que a comunicação positiva tem sido associada com o início da actividade sexual mais tardio, menor frequência das relações sexuais, com atitudes e comportamentos mais responsáveis, incluindo uma auto-eficácia na utilização do preservativo, comunicação positiva com o parceiro, menos relações desprotegidas e mais uso mais consistente do preservativo (Hutchinson, Jemmott, Jemmott, Braverman & Fong, 2003; Kotchick, Shaffer, Forehand, & Miller, 2001; McKay, 2003; Karosfky, Zeng, & Kosorok, 2001).

Pelos discursos dos jovens parece que a falta ou a deficiente comunicação entre pais e filhos e a não transmissão de informações podem ser factores de risco. Os jovens sugerem que a comunicação sobre questões de sexualidade não tem apenas resultados positivos por si só mas parece que quando existe uma relação pouco próxima com os pais, assiste-se, normalmente, a um aumento da influência dos pares nas questões sexuais como é referido pela literatura (Whitaker & Miller, 2000), pois os adolescentes tendem a dialogar mais com os pares, a recorrer a eles quando têm dúvidas ou problemas, e guiar o seu comportamento sexual mais pelas normas do grupo que normalmente estão mais associadas à iniciação sexual e a mais “valores liberais” em relação às questões sexuais (Dilorio, Kelly, & Hockenberry-Eaton, 1999).

Na opinião dos jovens, muitas vezes, os pais não detêm muitos conhecimentos ou as informações mais correctas nem se sentem à vontade para dialogar com os filhos. Vários estudos sugerem que quando os pais que se percebem como possuindo os conhecimentos necessários acerca destas temáticas e as competências comunicacionais para o fazer apresentam uma maior probabilidade de conversar com os seus filhos (Dilorio, Resnicow, Dudley et al., 2000). Estas questões são importantes para desenvolver intervenções quando se pretende promover a comunicação entre pais e filhos em questões sexuais.

Um dos aspectos discutidos pelos jovens foi a importância que o grupo de pares assume na adolescência. Os jovens referem que o grupo de pares pode funcionar como fonte de suporte e partilha de vivências e opiniões, ou seja, como um factor de protecção para os comportamentos sexuais (Lipovsek, Karim, Gutiérrez, Magnan, & Gomez, 2002). Os jovens referem que o grupo de pares é também, muitas das vezes, a fonte de informação mais acessível e confortável e onde se sentem mais

à vontade para expor as suas dúvidas, embora alguns jovens expressem preocupações no que se refere à acuidade da informação e que consequentemente, os seus conselhos nem sempre são positivos.

Por outro lado, o grupo de pares foi apontado pelos jovens como podendo funcionar como factor de risco para os comportamentos em estudo, na medida em que a pertença a um grupo de pares com comportamentos sexuais de risco pode levar à adesão a esses mesmos comportamentos, sendo os rapazes que mais frequentemente consideram que, os grupos de amigos podem constituir um factor de risco. Outros estudos também apontam para que os rapazes possam ser mais influenciados por factores relacionados com os pares (Stattin, & Kerr, 2000; Meschke, Bartholomae, & Zenthall, 2002).

Durante a adolescência, a socialização com grupos de pares desviantes pode representar um risco acrescido como referem os jovens do nosso estudo quando fazem referência “à influência das más companhias que influenciam para coisas negativas... como o dizerem para não usar o preservativo” (Crosnoe, Erickson, & Dornbusch, 2002; French, & Dishion, 2003; McKay, 2003).

A percepção da actividade sexual dos pares parece exercer influência nos comportamentos sexuais que os jovens adoptam. Assim, as normas dos pares na medida em que na opinião dos jovens, o facto dos amigos terem relações sexuais incentiva a que eles próprios também sintam curiosidade e vontade de experimentar. Por outro lado, no nosso estudo verifica-se que existem mais jovens que acreditam que os pares não utilizam o preservativo do que aqueles que acreditam que os jovens usam. Neste sentido, o facto dos jovens considerarem que no grupo de pares a actividade sexual e as relações sexuais desprotegidas constituem a norma tende a promover a adesão a esses comportamentos. Por outro lado, o envolvimento em grupos de pares que iniciam a actividade sexual mais tarde ou que têm relações sexuais protegidas surge como um factor de protecção. Cerca de um quarto dos jovens considera que a maioria dos pares ainda não teve relações sexuais. Os jovens salientam que este facto diminui a pressão para ter relações sexuais pois sentem que se esquadram nas normas do seu grupo de pares.

As conclusões deste estudo poderão ajudar no desenvolvimento e implementação de estratégias de promoção da saúde sexual nos adolescentes.

A prevenção dos comportamentos sexuais nos adolescentes tem tradicionalmente colocado a ênfase nos factores pessoais. Embora esta abordagem seja importante, é essencial para uma compreensão mais profunda da sexualidade na adolescência, analisar a influência das variáveis de contexto social, nomeadamente a influência do contexto familiar e das relações de pares nas atitudes e comportamentos sexuais dos jovens (DiClemente et al., 2001; Mcneely, Shew, Beuhring, Sieving, Miller, & Blum, 2002).

Para se garantir que mudanças efectivas e sustentadas é importante que, aliado a qualquer trabalho preventivo de acção directa sobre o indivíduo, se realize uma abordagem aos principais cenários onde o indivíduo circula de forma a permitir alterações que produzam diminuição das situações de risco e uma activação dos factores protectores. Nomeadamente nas redes sociais de apoio e suporte das escolhas realizadas a nível individual (Hobfoll, 1998; McDermott, 1998; Woollett et al., 1998; Jemmott & Jemmott, 2000; Fenton, 2001). No que diz respeito à família parece pois vantajoso incluir um apoio aos pais nestas áreas com vista a robustecer as suas competências e favorecer a diminuição do impacto de factores de risco do envolvimento sobre o jovem (Matos, 1997; DiClemente et al., 2001). A educação dos pais no sentido de promover conhecimentos e competências para o diálogo entre os pais e os filhos acerca das suas complexas crenças e valores acerca destes assuntos poderá ser uma estratégia eficaz na prevenção da SIDA. Para que as intervenções sejam eficazes e bem sucedidas é necessário também intervir nas normas de influência social de modo a que o grupo de pares se influencie mutuamente em comportamentos de saúde (O’Leary & Raffaelli, 1996). A estratégia terá que ser a de reconhecer os adolescentes como elementos colaboradores fundamentais durante todo o processo de desenvolvimento das intervenções, pois só com um elevado grau de envolvimento dos jovens é possível ter intervenções, que reflectam necessidades específicas, que sejam culturalmente adequadas e consequentemente, efectivas (Sormati, Pereira, El-Bassel, Witte, & Gilbert, 2001).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Boyer, C., Tschann, J., & Shafer, M. (1999). Predictors of risk for sexually transmitted diseases in ninth grade urban high school students. *Journal of Adolescent Research, 14* (4), 448-465.
- Caissy, G. A. (1994). *Early adolescence – Understanding the 10 to 15 year old*. New York: Plenum Press.
- Crosnoe, R., Erickson, K., & Dornbusch, S. (2002). Protective functions of family relationships and school factors on the deviant behaviour of adolescent boys and girls: reducing the impact of risky friendships. *Youth & Society, 33* (4), 515-544.
- DiClemente, J., Wingood, G., Crosby, R., Cobb, B., Harrinton, K., & Davies, S. (2001). Parent-adolescent communication and sexual risk behaviors among African American adolescent females. *Journal of Pediatrics, 139* (3), 407-412.
- Dilorio, C., Kelly, M., & Hockenberry-Eaton, M. (1999). Communication about sexual issues: mothers, fathers, and friends. *Journal of Adolescent Health, 24*, 181-189.
- Dilorio, C., Resnicow, K., Dudley, W., Thomas, S., Wang, D., Van Marter, D., Manteuffel, B., & Lipana, J. (2000). Social cognitive factors associated with mother-adolescent communication about sex. *Journal of health communication, 5* (1), 41-51.
- Dittus, P., & Jaccard, J. (2000). Adolescents' perceptions of maternal disapproval of sex: relationship to sexual outcomes. *Journal of Adolescent Health, 26*, 268-278.
- Dryfoos, J. G. (1997). The prevalence of problem behaviors: Implications for programs. In R. P. Weissberg, T. P. Gullotta, R. L. Hampton, B. A. Ryan, & G. R. Adams (Eds.), *Enhancing children's wellness* (pp. 17-46). London: Sage Publications.
- Feldman, S., & Rosenthal, D. (2000). The effect of communication characteristics on family members' perceptions of parents as sex educators. *Journal of Research on Adolescence, 10* (2), 119-150.
- Fenton, K. (2001). Strategies for improving sexual health in ethnic minorities. *Current Opinion in Infectious Diseases, 14* (1), 63-69.
- French, D., & Dishion, T. (2003). Predictors of early initiation of sexual intercourse among high-risk adolescents. *Journal of Early Adolescent, 23* (3), 295-315.
- Hartup, W. W. (1993). Adolescents and their friends. In B. Lauren (Ed.), *New directions for child development: Close friendships in adolescence* (pp. 3-22). San Francisco: Jossey-Bass.
- Hobfoll, S. (1998). Ecology, community and AIDS Prevention. *American Journal of Community Psychology, 26* (1), 133-144.
- Huebner, A., & Howell, L. (2003). Examining the relationship between adolescent sexual risk-taking and perceptions of monitoring, communication, and parenting styles. *Journal of Adolescent Health, 33*, 71-78.
- Hutchinson, K., Jemmott, J., Jemmott, L., Braverman, P., & Fong, G. (2003). The role of mother-daughter sexual risk communication in reducing sexual risk behaviors among urban adolescent females: a prospective study. *Journal of Adolescent Health, 33*, 98-107.
- Jacobson, K., & Crockett, L. (2000). Parental monitoring and adolescent adjustment: an ecological perspective. *Journal of Research on Adolescence, 10* (1), 65-97.
- Jones, D., Forehand, R., Brody, G., & Armistead, L. (2003). Parental monitoring in Africa American, single mother – Headed families: An ecological approach to the identification of predictors. *Behavior Modification, 27* (4), 435-457.
- Karosfky, P., Zeng, L., & Kosorok, M. (2001). Relationship between adolescent-parental communication and initiation of first intercourse by adolescents. *Journal of Adolescent Health, 28*, 41-45.
- Kingon, Y., & Sullivan, A. (2001). The family as a protective asset in adolescent development. *Journal of Holistic Nursing, 19* (2), 102-121.
- Kotchick, B., Shaffer, A. Forehand, R., & Miller, K. (2001). Adolescent sexual risk behavior: a multi-system perspective. *Clinical Psychology Review, 21* (4), 493-519.
- Krueger, R. (1994). *Focus groups: a practical guide for applied research*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Krueger, R., & Casey, M. A. (2000). *Focus groups: a practical guide for applied research* (3d ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Lipovsek, V., Karim, A., Gutiérrez, E., Magnani, R., & Gomez, M. (2002). Correlates of adolescent pregnancy in La Paz, Bolivia: findings from a quantitative-qualitative study. *Adolescence, 37* (146), 335-353.
- Matos, M. (1997). *Comunicação e gestão de conflitos na escola*. Lisboa: Edições FMH.
- McDermott, R. (1998). Adolescent HIV prevention and intervention: a prospect theory analysis. *Psychology, Health & Medicine, 3* (4), 371-385.
- McKay, S. (2003). Adolescent risk behaviours and communication research: current directions. *Journal of Language and Social Psychology, 22* (1), 73-82.
- McNeely, C., Nonnemaker, J., & Blum, R. (2002). Promoting school connectedness: evidence from the National Longitudinal Study of Adolescent Health. *Journal of School Health, 72* (4), 138-146.
- Mcneely, C., Shew, M., Beuhring, T., Sieving, R., Miller, B., & Blum, R. (2002). Mothers' influence on the timing of first sex among 14- and 15- year-old. *Journal of Adolescent Health, 31*, 256-265.
- Meschke, L., Bartholomae, S., & Zenthall, S. (2002). Adolescent sexuality and parent-adolescent process: promoting healthy teen choices. *Journal of Adolescent Health, 31*, 264-279.
- Miller, K., Kotchick, B., Dorsey, S., Forehand, R., & Ham, A. (1998). Family communication about sex: what are parents saying and are their adolescents listening? *Family Planning perspectives, 30* (5), 218-235.

- Morgan (2001). Focus Group interviewing. In J. F. Gubrium, & J. A. Holstein (Eds.), *Handbook of interview research: context and method*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Newton, M. (1995). *Adolescence: Guiding youth through the perilous ordeal*. New York: Norton.
- O'Leary, A., & Raffaelli M. (1996). Preventing the sexual transmission of HIV: current status and future directions. *Psychology and Health, 11*, 75-94.
- Rodgers, K. B. (1999). Parenting processes related to sexual risk-taking behaviors of adolescent males and females. *Journal of Marriage Family, 61*, 99-109.
- Sormati, M., Pereira, L., El-Bassel, N., Witte, S., & Gilbert, L. (2001). The role of community consultants in designing an HIV prevention intervention. *AIDS Education and Prevention, 13* (4), 311-328.
- Stanton, B., Black, M., Kaljee, L., & Ricardo, L. (1993). Perceptions of sexual behavior among urban early adolescents: translating theory through focus group. *Journal of Early Adolescence, 13* (1), 44-66.
- Stattin, H., & Kerr, M. (2000). Parental monitoring: a reinterpretation. *Child Development, 71* (4), 1072-1085.
- Steinberg, L. (2001). We know some things: parent-adolescent relationship in retrospect and prospect. *Journal of Research on Adolescence, 11*, 1-19.
- Whitaker, D., & Miller, K. (2000). Parent-adolescent discussions about sex and condoms: impact on peer influences of sexual risk behavior. *Journal of Adolescent Research, 15* (2), 251-273.
- Woollett, A., Marshall, H., & Stenner, P. (1998). Young Women's accounts of sexual activity and Sexual/Reproductive health. *Journal of Health Psychology, 3* (3), 369-381.
- Zimmer-Gembeck, M. (2002). The development of romantic relationships and adaptations in the system of peer relationship. *Journal of Adolescent Health, 31*, 216-225.

RESUMO

O presente estudo teve como objectivo compreender as percepções dos adolescentes acerca da influência parental e dos pares nos seus comportamentos sexuais. Neste estudo foi utilizada a metodologia "grupo focal"

a uma amostra constituída por 72 adolescentes de escolas públicas do ensino regular de Portugal Continental. Os temas dos "grupos focais" foram discutidos em termos dos factores protectores e de risco para os comportamentos sexuais. Os discursos dos adolescentes identificaram vários factores familiares, como o estatuto socio-económico, a qualidade da relação familiar, a comunicação entre pais e filhos, os estilos parentais, a supervisão parental; e factores relacionados com os pares, como a comunicação, as normas e a pressão dos pares como influenciando as atitudes e comportamentos sexuais protectores ou de risco para a saúde dos jovens. Os resultados deste estudo são consistentes com a literatura que reconhece a influência dos pais e pares nos comportamentos sexuais dos adolescentes. Dão, assim, suporte ao desenvolvimento e implementação de programas eficazes de Promoção de Saúde Sexual nos adolescentes que incluam a abordagem à família de forma a robustecer as suas competências e diminuir o impacto dos factores de risco relacionados com os pares.

Palavras-chave: Adolescência, comportamento sexual, influência parental e dos pares.

ABSTRACT

The purpose of this study is to examine the adolescents' perceptions of parental and peers influence on their sexual behaviours. The study utilised "focus groups" qualitative methods from a sample of 72 adolescents from secondary schools in Portugal. The themes of focus group are discussed in terms of family and peers protective and risk factors in sexual behaviour. Adolescents identified several family factors, such as parent's socio-economic status, family connectedness, parent-child communication, parenting style, and peers factors, such as peer communication, peer norms, and peer pressure, that influence adolescents' sexual protective or risk behaviour. The results are consistent with a growing body of literature that highlights the impact of parents and peers in adolescents' sexual behaviour. These findings lend support for the design and implementation of family-based approaches to promoting healthy adolescent sexual behaviour and reduce the impact of risky friendships.

Key words: Adolescence, sexual behaviour, parental and peers' influence.